

MENINGITE EM EQUINOS

Arthur Lima Ferreira Cruz¹
João Pedro Miranda Pedrosa¹
Guilherme Henrique Lopes Soares²
Bruno Santos Cândido de Andrade²
Gabriela Moreira Pinto²
Rafael Rolim de Oliveira³
Lucas Peres da Silva⁴

guilherme.soares@hotmail.com.br

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Agrária

PALAVRAS-CHAVE: Equídeo; Meningite; Antimicrobiano; Neurológico.

1 INTRODUÇÃO

A meningite é um processo inflamatório que ataca as meninges envolvidas pelas membranas cerebrais (pia-máter e aracnóide) e o líquido cefalorraquidiano (LCR), pode ser causada por uma diversidade de fatores sendo eles, infecciosos ou não, no processo inflamatório não infeccioso pode ser desencadeado por substâncias químicas e até tumores, já as de origem infecciosa tendem a ser ocasionadas por bactérias e vírus. A meningite de origem bacteriana em equinos é mais frequente em animais jovens do que em adulto (Laugier; Taprest; Foucher, 2009). Usualmente, essa doença deriva de complicações oriundas de uma septicemia neonatal e está associada a altas taxas de mortalidade (Koterba; Brewer; Tarplee, 1984). Vários microrganismos já foram encontrados, causando meningite em equinos, sendo *Streptococcus* spp., *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli* as bactérias mais comumente isoladas nessas infecções (Furr, 2015). No entanto, existe uma diferença entre agentes infecciosos documentados nas infecções em potros e em equinos adultos. Nos adultos, predominam as espécies estreptocócicas, já em potros predominam as bactérias Gram-negativas, pois estas estão associadas aos agentes causadores de septicemia neonatal, que resultam em meningites nesses animais, sendo a *E. coli* a bactéria mais comum nessas infecções de equinos jovens (Viu *et al.*, 2012). O Objetivo deste trabalho é abordar as principais características relacionadas à meningite em equinos.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, utilizando como método uma revisão bibliográfica integrativa, que de acordo com Gil (2002), ela é feita a partir da literatura já existente, como artigos científicos e livros, a fim de

¹ Acadêmico de Medicina Veterinária – Centro Universitário Univértix

² Professor Centro Universitário Univértix e Médico Veterinário do Hospital Veterinário Univértix

³ Professor Faculdade Futuro – Medicina Veterinária

⁴ Médico Veterinário do Hospital Veterinário Univértix

estabelecer uma conexão entre as ideias. Para a realização deste resumo se utilizou de fontes baseadas em artigos sobre a meningite como o Google Acadêmico e com base na Revista de Ciências Médicas e Biológicas e SciELO.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo teve como intenção mostrar um pouco sobre a diferença dos tipos de meningites virais e bacterianas, e abordar a diferença entre a vulnerabilidade entre as fases de vida do animal, sendo os animais mais jovens e neonatais com maiores números de casos, ou seja, sendo mais comum em relação aos animais adultos. Ademais a identificação da bactéria causadora também se mostrou de grande relevância para se ter uma base de como começar um tratamento e quais métodos serão usados no combate contra essa enfermidade sendo de extrema importância a seleção do antibiótico para o tratamento apropriado da meningite sendo estabelecida por meio de cultura e teste de sensibilidade de uma amostra do líquido cefalorraquidiano. A realização destes testes permite identificar a bactéria específica responsável pela infecção e determinar quais antibióticos serão mais eficazes no combate à mesma. Dessa forma, o tratamento pode ser direcionado de maneira precisa, aumentando as chances de sucesso terapêutico e reduzindo a probabilidade de resistência bacteriana, por exemplo um estudo usando a cepa de *P. rettgeri* estudada apresentou sensibilidade aos aminoglicosídeo esse mesmo estudo apresentou semelhanças aos de Stock e Wiedemann (1998), que perceberam a suscetibilidade natural da espécie a essas categorias de antibióticos, em alguns casos documentados recentemente as cepas causadoras das infecções se mostraram resistente aos antibióticos das classes que até então se tinham como eficientes. No tratamento da meningite, é essencial avaliar não apenas a susceptibilidade do microrganismo ao antibacteriano, mas também se o fármaco atinge níveis eficazes no líquido cefalorraquidiano. Nem todos os agentes antimicrobianos possuem a capacidade de ultrapassar a barreira hematoencefálica. A inflamação das meninges pode aumentar a permeabilidade dessa barreira para o antibiótico, porém, essa permeabilidade é variável e pode não ser adequada para assegurar a eficácia clínica. Em muitos casos, pode ser indicada a terapia combinada de antibióticos ou a injeção direta de antimicrobiano no líquido cefalorraquidiano (administração intratecal), de forma combinada ou não (Lacombe e Furr, 2015)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo para tratar a meningite é de extrema importância para a saúde como um todo, sendo de grande relevância para os médicos veterinários para que os mesmos possam estudar sobre o assunto e promover o melhor tratamento dos pacientes além de promover avanços para o estudo dos diversos tipos de meningites encontradas favorecendo o controle desta doença que vem se tornando não tão incomum e tentando ao máximo promover ao paciente bem-estar.

REFERÊNCIAS

LACERDA, L. D.; PORTELA, R. W. Perfil de sensibilidade a antibióticos de um isolado de *Providencia rettgeri* proveniente de equino. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.**, Salvador, v. 20, n. 3, p. 413-417, set./dez. 2021.

GOMES, A. C. R. *et al.*, Meningoencefalite bacteriana e abscesso hipofisário em um equino bacterial meningoencephalitis and pituitary abscesso in a equine.. In: **Anais do Simpósio Intenacional do Cavalo Atleta**. Anais. Belo Horizonte(MG) UFMG, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xi-simcav-304492/623866-meningoencefalite-bacteriana-e-abscesso-hipofisario-em-um-equino-bacterial-meningoencephalitis-and-pituitary-absce>. Acesso em: 23/07/2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

TEIXEIRA, A. B. *et al.*. Meningite bacteriana: uma atualização Bacterial meningitis: an update. **Revista brasileira de análises clínicas**. Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza – Fortaleza-CE, Brasil.Recebido em 29/05/2018 Artigo **aprovado em 07/11/2018**. Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/meningite-bacteriana-uma-atualizacao/>.

ROLDI, L. L. *et al.*. Revisão bibliográfica: meningite bacteriana em adultos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.4, p.24703-24710, apr., 2022.

DAMIANI, D.; FURLAN, M. C.; DAMIANI, D. Meningite asséptica. **Rev Bras Clin Med**. São Paulo, 2012 jan-fev;10(1):46-50. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2012/v10n1/a2675.pdf>.

AGUIAR, T.S. *et al.*. Perfil epidemiológico das meningites no Brasil, com base em dados do DataSUS nos anos de 2020 e 2021. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento** , [S. l.] , v. 3, pág. e50811327016, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i3.27016. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27016>. Acesso em: 24 jul. 2024.

PAIM, A. C. B. *et al.*. Perfil epidemiológico da meningite no estado de santa catarina no período de 2008 a 2018. **Arquivos catarinenses de medicina.**, 2019 out-dez; 48(4):111-125. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/01/1048216/577-2113-3-rv.pdf>

SANTANA, Alana Fontenele. **Cultura e sensibilidade bacteriana da conjuntiva ocular de equinos de Brasília**, Brasil. 2015. 21 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOUZA, J.; DIAS, F. R.; ALVIM, H. G. de O. RESISTÊNCIA BACTERIANA AOS ANTIBIÓTICOS. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos** , Brasil, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 281–293, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6788157 . Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/364>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Bahr Arias, Mônica Vicky; Dantas de Maio Carrilho, Cláudia Maria Resistência antimicrobiana nos animais e no ser humano. Há motivo para preocupação? **Semina: Ciências Agrárias**, vol. 33, núm. 2, abril, 2012, pp. 775-790 Universidade Estadual de Londrina Londrina, Brasil.